

Proleários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



A HERÓICA FUGA DE CAXIAS!

Comunicado do Secretariado do Comité Central

Às 10 horas da manhã do dia 4 de Dezembro evadiram-se do Forte de Caxias os camaradas Francisco Miguel, José Magro, Guilherme da Costa Carvalho membros do Comité Central do Partido e os destacados militantes António Gervásio, Rolando Verdial, Ilídio Esteves, Domingos Abrantes e António Tereso.

Esta evasão, cuidadosamente organizada deu-se dum recinto no centro do Forte, único local, a que os camaradas tinham acesso por ser considerado o mais seguro para a escassa meia hora de recreio diário.

Com o risco da própria vida os 8 valorosos camaradas utilizaram para a evasão um automóvel blindado da PIDE anteriormente utilizado por Salazar, com o qual atravessaram um túnel e arrombaram o portão do exterior, alcançando a liberdade sob as balas das espingardas e das metralhadoras que ricocheteavam na blindagem do automóvel.

Esta audaciosa fuga, só possível pela capacidade do Partido e apoio do povo, cerca de dois anos depois da histórica fuga de Peniche na qual se evadiram 10 camaradas, entre eles Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido, é uma nova e im-

portante vitória do Partido e das forças democráticas e constitui um sério revés para o fascismo e todo o seu odioso aparelho repressivo. Apesar da furiosa repressão salazarista, actualmente, não se encontra preso nenhum dos camaradas evadidos de Peniche.

A fuga de Caxias é um exemplo do elevado heroísmo e do ardente patriotismo dos comunistas.

Os 8 camaradas evadidos, 3 dos quais membros do Comité Central e 4 outros funcionários do Partido, puseram a sua vida em jogo pela sua inabalável decisão de dedicarem todas as suas energias à luta pelo derrubamento da ditadura fascista de Salazar, pela conquista das liberdades democráticas e pelos seus ideais comunistas.

A sua evasão constitui um importante reforço das fileiras do Partido e permitirá intensificar a luta do povo português. O Partido Comunista saúda estes valorosos combatentes de vanguarda, que já somavam 53 anos de prisão mas que o

SAUDAÇÃO dos camaradas que se evadiram

Ao alcançarmos a liberdade queremos saudar a nosso querido Partido e a sua Direcção à qual declaramos continuar inabalavelmente dispostos a cumprir com honra o nosso dever de comunistas qualquer que seja o posto de combate que nos seja destinado.

Saudamos a heróica classe operária portuguesa à qual incitamos a prosseguir a sua luta e a redobrar de combatividade.

Saudamos também todas as forças democráticas cuja unidade combativa é a melhor garantia do derrubamento do regime fascista.

Para todos aqueles que no país e no estrangeiro têm prestado solidariedade aos presos políticos portugueses e participado de alguma

forma na luta pela sua libertação, vai o nosso reconhecimento e apelo para que continuem a sua acção a fim de salvarmos todos os patriotas presos.

Aos dedicados filhos do povo português que continuam encarcerados sofrendo as maiores torturas, prometemos não poupar esforços na luta pela sua libertação.

Nem os espancamentos, nem os insultos, nem o isolamento, nem, enfim, os longos anos de prisão, quebraram a nossa confiança na inevitabilidade da realização prática dos nossos ideais de comunistas. As grandes realizações levadas a cabo em todos os países socialistas e em particular a acção do P. C. U. S. cujo XXII Congresso marca uma nova etapa na história da humanidade sempre foram para nós um farol de esperança e reforçaram ainda mais a nossa certeza na vitória final do comunismo. A vontade inódmita de prosseguir a luta pelos nossos ideais e pela libertação de Portugal da tirania fascista, foram as razões profundas que nos levaram a não hesitar em arriscar a vida para efectuar esta evasão.

5 de Dezembro de 1961

O Secretariado do

Comité Central do

Partido Comunista Português.

5 de Dezembro de 1961

Francisco Miguel Duarte, José Magro, Guilherme da Costa Carvalho, António Gervásio, Rolando Verdial, Ilídio Esteves, Domingos Abrantes e António Tereso

PARA CONDUZIR AO LEVANTAMENTO NACIONAL

LUTAS DE MASSAS E NÃO GRUPOS ARMADOS

Após o período «eleitoral», qual o caminho e que tarefas se colocam à classe operária e a todo o povo português, para abrir o derrubamento da ditadura fascista de Salazar e instaurar as liberdades democráticas?

A aspiração de apressar, por qualquer meio, o derrubamento do salazarismo é um anseio profundo de toda a Nação, o que leva muitos democratas e até mesmo alguns comunistas, a preconizarem a criação imediata de grupos armados que desencadeiem acções golpistas, na convicção de que assim apressarão a conquista das liberdades democráticas. Mas tais pessoas confundem os seus desejos com as realidades, pois não serão umas dezenas de grupos armados ou umas centenas de portugueses, por maior heroicidade que revelem, que poderão derrubar o forte aparelho repressivo salazarista.

Contrariamente aos desejos desses democratas, as concepções golpistas não contribuem para apressar mas para retardar o derrubamento do fascismo.

As acções de massas no período «eleitoral» indicem o caminho para o levantamento nacional

Na campanha «eleitoral» participaram nos mais variadas acções

centenas de milhares de anti-salazaristas e poderemos calcular em 50 mil, ou mesmo mais, os portugueses que enfrentaram corajosamente a violência das forças repressivas e participaram nas grandiosas manifestações de rua em Almada, Lisboa, Alpiarça, Coimbra, Grândola, Covilhã, Couço, Ermidas e outras localidades.

As «eleições» constituíram um sério desaire para o regime e evidenciaram perante o país e o mundo o gravíssima crise em que se debate, da mesma forma que o recrudescimento da luta libertadora do povo angolano, luta que o salazarismo anunciara estar liquidada, o descrédito e os fracassos do Governo na ONU e os acontecimentos de Goa, precursores duma nova guerra colonial, conduzirão a novos e irreparáveis desaires para o salazarismo. A nova «Lei de Meios» que visa subordinar toda a economia e as finanças do país à continuação da guerra colonial, agravará ainda mais as dificuldades do país.

A ascensão da luta anti-salazarista da consciência política e combatividade das massas, e a crise

crecente da ditadura fascista são factos indiscutíveis. Mas foram as acções de massas e somente a acção de massas que evidenciaram esta realidade e permitiram transformar as «eleições» numa potente jornada de luta anti-salazarista.

Reforçar a unidade, a acção e a organização

As variadas acções «eleitorais» e em especial a grandiosidade das manifestações de rua não tiveram um carácter espontâneo, antes traduziram a justeza da orientação do Partido e a sua crescente capacidade organizativa, revelando o papel de vanguarda da classe operária e a sua combatividade, tal como a da juventude.

Mas não podemos ignorar que tais manifestações de rua, embora abrangendo importantes cidades e localidades, não se estenderam a regiões inteiras e que houve centros decisivos como Lisboa e Porto onde a acção da classe operária e do povo não teve a projecção desejada. Também pouco se fez sentir a acção do campesinato, principal aliado da classe operária e base essencial da unidade das forças democráticas.

As acções no período «eleitoral» contribuíram decisivamente para (continua na 4.ª pág.ª)

FALECERAM

FOSTER E URIBE

No passado mês de Setembro, morreu na União Soviética, onde se encontrava em tratamento, o camarada William Foster, Presidente do Partido Comunista dos Estados Unidos. Foster que foi um dos fundadores do seu Partido e membro do Comité Executivo da Internacional Comunista, dedicou toda a sua vida à luta em defesa dos interesses do proletariado.

O Comité Central do nosso Partido, enviou ao Comité Central do Partido Comunista dos Estados Unidos um telegrama em que manifesta a sua profunda mágoa e as condolências de todos os comunistas portugueses por esta dolorosa perda para o Partido Comunista dos Estados Unidos e o movimento operário Internacional.

Em Julho faleceu em Praga o camarada VICENTE URIBE, membro do Comité Central do Partido Comunista de Espanha. Durante a guerra de Espanha foi membro do Conselho Superior de Guerra e Ministro da Agricultura. O seu nome está ligado à única Reforma Agrária verdadeiramente revolucionária que se efectuou em Espanha.

O Partido Comunista Português sente profundamente o desaparecimento deste destacado dirigente do Partido Comunista espanhol.

Os acontecimentos de Goa

SALAZAR ENVOLVE O PAÍS
EM MAIS UMA GUERRA COLONIAL

Face à obstinação cega do colonialismo salazarista, tal como em Angola, também o povo de Goa trava agora uma luta armada pela sua libertação.

A responsabilidade por esta luta sangrenta travada pelos patriotas de Goa apoiados pela União Indiana, cai inteiramente sobre o Governo de Salazar. Recusando-se a aceitar o princípio da auto-determinação como base para a solução pacífica do problema de Goa, Salazar fechou toda a possibilidade de negociação. Estamos por isso à beira de mais uma guerra colonial que custará ao povo português e aos povos indianos o sacrifício inútil de muitas vidas e valores. Salazar não recua ante esta perspectiva, tal como o deixam prever os preparativos militares em curso e a evacuação das mulheres e crianças das famílias dos militares e dos colonos.

Como o Partido Comunista desde há muito previu, este desfecho era inevitável. Já em 1954, no «Avante!» de Agosto, se afirmava: «na medida em que o Governo nas suas notas officiosas e discursos confunde propositadamente a condição de colónias desses territórios e pretende apresentá-los como partes integrantes do território nacional, fecha deliberadamente o caminho a toda a negociação e provoca conflitos e derramamento de sangue.»

O imobilismo da política reacção e colonialista do Governo de Salazar nestes últimos anos que apenas se tem preocupado em facilitar aos monopólios nacionais e estrangeiros a exploração dos minérios e outras riquezas de Goa,

FORTALEÇAMOS
O PARTIDO

As poderosas lutas populares de Outubro e Novembro contra a farsa eleitoral fascista demonstraram mais uma vez a importância decisiva do trabalho de organização. Em toda a parte onde a organização do nosso Partido actuou em ligação com as massas, em toda a parte onde actuaram as Juntas Patrióticas e as comissões legais, as massas não hesitaram em enfrentar a repressão fascista e acorreram às assembleias, às sessões e às manifestações de rua.

Ficou mais uma vez demonstrado que o caminho para o levantamento nacional não está na conspiração de pequenos grupos de militares e civis nem na preparação de golpes armados de surpresa mas no alargamento constante das lutas de todo o povo. Para isso, é urgente fortalecer o Partido e ligá-lo estreitamente às massas.

Fortalecer o Partido significa recrutar e organizar nas suas fileiras milhares de operários, trabalhadores, camponeses, intelectuais, soldados e militares, jovens e mulheres, os patriotas mais conscientes e mais combativos.

Fortalecer o Partido significa ainda reforçar as organizações existentes e criar novas células e organizações ao longo do país e especialmente nas grandes empresas, nos grandes centros populacionais, nos campos, nos quartéis, nas escolas, nas oficinas, nos bairros...

Ligar estreitamente o Partido às massas significa unir, mobilizar e organizar todos os que se opõem ao salazarismo, intensificar lutas e acções reivindicativas, económicas e políticas, criar Juntas Patrióticas, comissões de unidade, sindicatos, nos locais de trabalho, nas vilas, aldeias e cidades, criar um largo movimento popular de massas

criar rapidamente um forte Partido e unir e organizar as massas sem-partido é uma tarefa urgente e que tornará mais próximo o dia do levantamento nacional, o dia do derrubamento do fascismo.

põe o povo português e os povos da Índia na iminência duma sangrenta guerra colonial injusta e sem qualquer outra saída possível que não seja a inevitável libertação dos povos de Goa, Damão e Diu.

Salazar, o covarde da independência nacional e opressor sangrento dos povos coloniais continua a arrastar a nação para desastres sucessivos. Continua a arrastar pela lama e a sujeitar ao opróbrio, ao isolamento e à condenação da opinião pública internacional o nome de Portugal.

Só o levantamento em massa da

nação, só a intensificação da luta diária dos trabalhadores, dos soldados, dos democratas e de todo o povo contra a guerra colonial, poderá impedir a continuação desta política de suicídio nacional!

Se a nação não se levantar urgentemente para dizer não à política fascista e colonialista do Governo de Salazar, à guerra sangrenta e interminável de Angola e à guerra de Goa seguir-se-ão inevitavelmente outras guerras coloniais em Moçambique, na Guiné, etc, cujo resultado final só poderá ser um desastre nacional para o povo português.

AMNISTIA!

A luta constante e organizada por uma amnistia a todos os presos e exilados políticos não exclui as lutas parciais, desde as acções pelo melhoramento da situação prisional nas cadeias políticas, até aos pedidos de libertação daqueles presos que tendo atingido o fim da pena a que foram condenados e cumprido meses e até anos de «medidas de segurança» se encontram, dentro das próprias leis fascistas, em condições de serem libertados.

A par da luta por uma ampla amnistia a todos os presos políticos, as Comissões pró-amnistia, as famílias dos presos e todos os portugueses de coração devem unir os seus esforços exigindo a libertação de:

MANUEL RODRIGUES DA SILVA gravemente doente, e sem assistência médica desde que em princípios de Outubro teve uma congestão cerebral Manuel Rodrigues, que já passou mais de 20 anos nas cadeias fascistas e tem a pena cumprida há 4 anos, quando em Junho deste ano esperava sair em liberdade, sofreu terceira prorrogação de «medidas de segurança», desta vez por mais 3 anos.

MANUEL GUEDES que tem um total de 13 anos de prisão, há 6 anos que acabou a pena.

ADOLFO ASSIS RAMOS com a pena já cumprida há 3 anos.

DR. HUMBERTO LOPES que foi julgado em Julho de 1957 num absurdo processo de «actividades políticas dentro da cadeia», encontra-se com a pena já cumprida há anos.

ANTÓNIO BORGES COELHO, que se encontra preso há 6 anos, tem a pena já cumprida.

Além destes, muitos outros presos políticos jazem nos cárceres fascistas, com as penas já terminadas, sujeitos às «medidas de segurança». A prisão perpétua não é permitida pela Constituição, mas as «medidas de segurança» representam de facto a prisão perpétua para a grande maioria dos presos políticos. Em Peniche, donde há mais dum ano não sai ninguém em liberdade, 62% dos presos já terminaram as penas e estão no cumprimento de «medidas de segurança».

Em Caxias, onde se encontram as presas políticas, algumas com doenças gravíssimas e todas com a saúde abalada pelos longos anos de prisão e a criminosa proibição de tratamentos e dietas, muitas já terminaram as penas a que foram condena-

das. Para algumas, a libertação dentro dum breve prazo pode representar a salvação da própria vida.

Encontram-se com as penas já cumpridas:

MARIA ÂNGELA VIDAL a quem 8 anos de prisão originaram uma doença nervosa, terminou a pena há perto de 3 anos, estando sujeita às arbitrarias «medidas de segurança».

AIDA MAGRO, com a pena terminada há um ano e meio.

Dr.ª MARIA LUÍSA SOARES que foi submetida a uma melindrosa operação, mas apesar disso continua a piorar constantemente. Já terminou a pena há um ano.

MARIA DA PIEDADE GOMES depois duma grave operação, continua doente e sem o tratamento necessário. Já cumpriu a pena há 9 meses.

IVONE DIAS LOURENÇO presa 4 anos sem julgamento, já terminou a pena e está a fazer os primeiros 6 meses de «medidas». Recusa-se que sofra duma tuberculose na laringe.

LUÍSA PAULA, com 63 anos terminou em Agosto a pena, está a cumprir «medidas de segurança». Tem frequentes crises de asfixia que põem em perigo a sua vida, sofre de artrite, «bicos de papagaio» e duma ulcera no estômago que se tem agravado.

Há anos e anos nas masmorras salazaristas, encontram-se os patriotas **JOSÉ VITORIANO**, **AFONSO GREGÓRIO**, **CARLOS ABOIM INGLÊS**, **CÂNDIDA VENTURA**, **ALDA NOGUEIRA**, **SOFIA FERREIRA**, **FERNANDA TOMÁS**, **JOAQUIM CARREIRA**, **CARLOS BRITO**, **Dr.ª JULIETA GÂNDARA**, **MANUEL ANDRADE**, **DIOGO VELEZ**, **JOSÉ ROLIM** e o leader angolano **AGOSTINHO NETO**

Nesta época do Natal, em que todos aspiram estar junto da família, estes portugueses e portuguesas que nenhum crime cometeram, encontram-se brutalmente separados dos filhos, das mulheres, dos maridos e dos pais, martirizados por longos anos de prisão e por todas as arbitrariedades e perseguições dos carcereiros e da PIDE.

Exigir do Governo a sua libertação é uma acção humanitária e um dever de solidariedade.

Que se multipliquem as acções por **AMNISTIA PARA OS PRESOS POLÍTICOS!**

Reportagem

A FUGA
no carro blindado
(RELATO DUM

4 de Dezembro — Da alvorada ao momento decisivo, fizemos disciplinadamente a vida de todos os dias: pequenos trabalhos individuais, leituras, conversas, enquanto os faxinas «Chico Miguel e Guilherme» varriam, limpavam, serviam com esmero o café... Discretamente os últimos preparativos foram feitos. A chuva não veio felizmente, e a previsão da hora bateu certa: nove horas e dez minutos! «Recreio!» — a voz indiferente do guarda tem hoje para nós um significado de combate e de esperança: Passada a revista diária, que forçou a deixar nas mãos do inimigo tanto objecto valioso ou querido para não levantar suspeitas, eis nos no local de operações, reservado ao «passeio» dos «perigosos» — um pátio rectangular de altas paredes e telhados, estreitado a sul pela boca negra dum túnel, em pleno coração da fortaleza, e com poderoso dispositivo de segurança: além da sentinela normal, duas metralhadoras no alto dominam tudo, e uma terceira, a 6 metros de nós, defende a entrada do túnel!

A bola de borracha cuja missão é importante, não fora esquecida: Frente ao dispositivo ameaçador da G.N.R. formou-se o pacífico dispositivo de jogo dos prisioneiros. A bola passa de mão em mão, com as regras e as exclamações do costume. Entretanto o sinal para o desencadear da acção fora trocado... e a guarda-se. Inesperadamente, contra todos os hábitos, um contra-tempo perigoso — uma carrinha da PIDE com três agentes surge do túnel e pára, a receber um preso das casematas para qualquer brutal interrogatório da polícia. Os nossos corações apertam-se, mas o jogo continua ante os sorrisos de mofo dos agentes, até que é interrompido para que o companheiro desconhecido entre no carro. Os minutos passam, o recreio é apenas de meia hora, qualquer demora dos pides será fatal... Mas estes apressam-se, partem, e o jogo recomeça. Zumba enfim, do fundo do túnel, a marcha atrás do que há-de ser o carro da liberdade ou de coisa bem diferente — o grande blindado negro de Salazar, passado agora aos serviços da polícia: Segundas passam e vão à vista. Ainda um percalço, uma roda que resvala na valeta da estreita passagem. Mas a pericia e o sangue frio do condutor, o ocrejoso e dedicado patriota António Tereso, acabam por vencer, e o blindado encontra-se já em pleno recreio, a uns metros de nós. Os guardas não se mexem, mas estão muito atentos e seguem cada movimento. Interrompemos definitivamente o jogo e aproximamo-nos de vagar, gesticulando, como se esilivessemos indignados com a intromissão — na ver-

A VISITA D

A crise política da ditadura de Salazar, a reprovação internacional e os ataques constantes de que tem sido alvo o seu colonialismo feroz na ONU, levaram os governantes portugueses a voltar-se para o único aliado que não tem pejo de lhes dar um «apoio» sonoro: A Espanha franquista.

Esta viagem do fanteche Tomás a Espanha pretendia atingir um duplo objectivo para a ditadura salazarista. Por um lado, encher os jornais de louvores a Salazar e «apoiados» à sua política, depois de tantos reveses internacionais que tem sofrido. Os jornais vieram de facto cheios desses louvores, mas quem enganaram? Nem o povo português nem o povo espanhol se deixam enrolar nessas velhas cantigas. A consciência política dos dois povos e o seu ódio aos dois ditadores, Salazar e Franco, ficam bem expressas nas grandiosas manifestações de rua de dezenas de milhares de portugueses depois da farsa «eleitoral» e nas poderosas greves de Guipuzcoa, em que mais



Lutemos contra as bases militares estrangeiras

DE CAXIAS lado de Salazar PARTICIPANTE)

dade cada um de nós está tomando a posição designada. Todos nos seus lugares. Um grilo: — «Góio!» uma mão na porta do carro — e num abrir e fechar de olhos, abrem-se as outras portas e sete homens mergulham no veículo. O golpe é tão rápido que os guardas continuam imóveis, a olhar, quando o pesado transporte é fechado e posto em movimento. Instintivamente, a fazer sinais convulsivos, a sentinela do túnel abre passagem. A descida é rápida, mas os tiros são mais rápidos ainda, duas balas silvam e o alarme está dado! Ultrapassa mais depressa! Se o primeiro portão de ferro é encerrado seremos apinhados na ratoeira. Mas a luz do dia torna a ver-se acolá, ao fundo — está aberto ainda! Ultrapassada veriginosamente, a casa da guarda, eis-nos na parede principal da prisão. Uma curva apertada, com um portão mais — o grande portão da saída, verde da esperança, com grandes ferrinhos e batentes de cimento. Rigorosamente fechado, mas isto não é já surpresa — há que confiar na potência do motor e no patriota que se debriça ao volante. «Força, dá-lhe bem ao centro!» Um estrondo de madeira cimento e ferros paridos, e a massa verde salta, é rasgada, e permite aos olhos sequiosos uma primeira visão do exterior. O perigo é contudo maior do que nunca. Ainda uma curva bem apertada, e agora toda a estrada ao longo do talude, por onde as sentinelas correm já, de armas aperradas. Um tiro, um segundo, vários outros, secas cuspidelas de aço que trarão a derrota, se os pneus ou os vidros não resistirem, ou a própria morte, se Salazar não foi cauteloso com a blindagem. O carro é várias vezes atingido, mas o ditador sabe acautelar-se, ninguém está ferido, e os pneus continuam a rolar. Mulheres trabalhadoras fogem espavoridas de braços ao ar, e só por acaso não são vítimas do fogo dos carcereiros — mas elas também, contribuem para salvar-nos. Avante, sempre avante! E a zona mais perigosa é ultrapassada, os disparos deixam-se de ouvir, os carros policiais não poderão perseguir-nos por terem sido habilidosa e sabotados, a estrada corre na nossa frente. A estrada corre na nossa frente! A estrada que nos conduz ao seio dolorido do nosso Povo, ao nosso querido e heroico Partido, a luta intransigente e até à vitória sobre a opressão fascista.

A cuidadosa preparação, a persistência, a coragem, a dedicação sem limites à sua classe e ao seu Partido, a «fibra» dos comunistas, venceram uma vez mais a violência e a brutalidade dos inimigos do nosso Povo.

O FANTOCHE A ESPANHA

de 3 mil operários bascos chegaram a ocupar as fábricas, nas paralizações de trabalho dos mineiros das Astúrias, na ausência e hostilidade evidente tanto do povo português como do povo espanhol às partidas e chegadas do fantoche e sua comitiva.

Outro objectivo que esta viagem pretendeu atingir foi o apoio mútuo dos dois governantes fascistas. Apoio político e apoio militar. Bem claro o discurso de Franco, quando diz: «Perante os riscos da hora presente, o nosso sentimento da responsabilidade que nos cabe, a nossa decisão de preservar a ordem, a integridade e a independência dos nossos territórios. Esta decisão não é nova, há 22 anos que Portugal e Espanha a mantêm, pois corresponde ao espírito do Pacto Ibérico». E Américo Tomás repete as mesmas palavras, vincando que a aliança é contra o mesmo inimigo comum, externo e interno, e que o Pacto Ibérico é um instrumento de solidariedade

«**P**ossuímos cargas nucleares cuja potência varia de algumas dezenas a 100 milhões de toneladas de TNT. Os nossos foguetões balísticos mostraram-se tão eficientes que não pode haver dúvida alguma quanto à sua capacidade de erguer e levar estas cargas a qualquer ponto do globo terrestre de onde pudesse ser lançada a agressão contra a União Soviética e os outros países socialistas. Nisto devem pensar seriamente também aqueles países que oferecem os seus territórios para a instalação de bases militares e a construção de rampas de foguetões para uso do agressor.»

Esta solene advertência proferida pelo camarada Malinovski na tribuna do XXII.º Congresso põe mais uma vez o nosso povo em face dos perigos tremendos que resultam para o país da política traidora de Salazar, com a cedência do território nacional para bases militares, quer dos Estados Unidos, quer da NATO, quer dos revanchistas alemães que começam a alastrar para o nosso país numerosos tentáculos do seu poderio militar. As visitas de oficiais alemães aos nossos quartéis são cada vez mais frequentes. Perto de Beja expropriaram-se recentemente terrenos para a Base Aérea n.º 11 e tudo parece indicar que se destinam a campo de treinos da Alemanha Ocidental, como retribuição de Salazar aos empréstimos da banca alemã e ao material de guerra que a Krupp fornece para Angola. Grupos de aviões militares alemães fazem viagens «de exercício» para Portugal, como ainda em 19 de Novembro foi noticiado nos nossos jornais a propósito do desastre ocorrido com um.

Rampas de lançamento de foguetões e depósitos de armas nucleares estão sendo construídos nos Açores, em Ovar, no triângulo Coimbra-Sezimbra-Lagoa de Albufeira (ogivas nucleares); em Pelhais (Barreiro) concentram-se depósitos de armas e explosivos e em Alcochete enormes depósitos de napalm. Na

Base Aérea n.º 6, Montijo, que já era base da NATO, vai ser instalado o comando militar da NATO, transferido de Casablanca pela forte pressão do povo Marroquino contra as bases da NATO no seu país.

A guerra nuclear é um perigo real

O nosso povo tem que adquirir uma elevada consciência dos perigos mortais que estas bases representam, numa altura em que a NATO e os revanchistas alemães encabeçados pelos Estados Unidos, se mostram cada vez mais agressivos e loucos por desencadear uma guerra. Na reunião da NATO de Novembro, em Paris, o Secretário Geral Dirk Stikker, afirmou que em caso de guerra «nenhuma consulta será possível e os países que possuem a bomba atómica utilizarão imediatamente».

Os Estados Unidos e a Inglaterra realizam um jogo duplo: a coberto da Conferência de Genebra, que

fazem arrastar, continuam a corrida aos armamentos e as experiências nucleares. Entretanto, consideram «inaceitável» a proposta soviética de 27 de Novembro, que de novo propunha a suspensão imediata de todas as experiências nucleares. Só esta medida, seguida do desarmamento geral e completo proposto pela União Soviética, assegurariam definitivamente a Paz mundial. Mas os Estados Unidos cada vez armazenam mais armamentos e negam-se a aceitar todas as propostas de desarmamento continuando a perigosa corrida para a morte. Eles não hesitaram em bombardear Hiroshima e Nagasaki, sem necessidade militar. Este exemplo mostra donde vêm os perigos duma guerra atómica.

É urgente que o povo português se convença que a luta contra as bases militares estrangeiras é uma luta de vida ou de morte, e que todos os sacrifícios que essa luta exija, nada serão comparados com a destruição total que nos ameaça em caso de guerra.

SAUDAÇÃO PELO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Queridos Camaradas

Enviemo-vos as nossas mais calorosas saudações fraternais na passagem do 44.º Aniversário da Grande Revolução de Outubro.

É este o primeiro 7 de Novembro após a realização do recente e histórico XXII.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética e, portanto, após a aprovação do novo Programa do Partido Comunista da União Soviética, hoje denominado pela parte avançada de toda a humanidade como o «Manifesto Comunista» da época presente.

Para as massas trabalhadoras de todos os países, para toda a gente progressiva, para a humanidade, a transformação da sociedade socialista soviética numa sociedade comunista será uma grande e decisiva ajuda do povo soviético; abrir-se-á o caminho para os outros países do campo socialista construírem o comunismo e uma profunda derrota será infligida ao caduco sistema capitalista.

A classe operária portuguesa, todo o nosso povo, que há tantos anos vive oprimido por um regime terrorista inimigo dos trabalhadores, sabe vencer as limitações que procuram fazer esconder-lhe tudo o que há de progressivo no mundo e acompanha, com o maior entusiasmo, os projectos e as realizações do grande povo soviético. Para quem vive na escuridão dum regime fascista ainda brilha mais, se é possível, a luz do socialismo e a luz irradiada

pela construção do comunismo.

O novo Programa do Partido Comunista da União Soviética é também um programa dum povo que deseja e luta pela Paz, a Paz que é hoje a mais premente e maior aspiração da humanidade, pois tão ameaçada está pelos desejos e maneios dos imperialistas.

Também a classe operária portuguesa, todo o nosso povo ama ardentemente a Paz. Por isso apoia a consequente política da União Soviética em sua defesa, por isso luta contra a política do governo de Salazar que segue os interesses dos imperialistas e belicistas, por isso actua cada vez mais firmemente contra a guerra que Salazar está impondo ao povo de Angola em luta pela sua independência.

Queridos Camaradas.

Desejamos a todo o povo soviético os maiores sucessos na extraordinária tarefa a que lançou ombros, com a certeza de que, sob a orientação do Partido Comunista da União Soviética e a direcção do seu Comité Central, tal tarefa será levada a cabo.

Pedimo-vos que transmitis ao vosso Partido e ao povo soviético, nesta data em que vós, e todo o mundo, comemorais a Grande Revolução Proletária de Outubro, os nossos votos e as nossas mais quentes saudações.

Viva a Grande Revolução de Outubro!

Viva o Partido Comunista da União Soviética!

Viva o Povo Soviético!

Viva a Paz!

Viva o Comunismo!

Novembro de 1961

O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

FORA COM SANTOS COSTA

No dia 12 a reacção salazarista prepara-se para fazer um grande banquete de homenagem ao famigerado general Santos Costa. É o pretexto para fazer voltar ao primeiro plano político das hostes de Salazar, este bandido, que a luta das massas afastou do poder.

LUTEMOS, por todos os meios, contra esta infame consagração dum dos mais abjectos e criminosos lacaios de Salazar.



SOLDADOS! AVANTE NA LUTA CONTRA A GUERRA COLONIAL E PELO DERRUBAMENTO DA DITADURA FASCISTA!

As lutas que os soldados têm desencadeado nos últimos meses contra a guerra colonial são um motivo de orgulho para o povo português. Elas afirmam ao mundo que os nossos soldados não se confundem com os comandos fascistas e provam mais uma vez que o nosso povo está contra a política de Salazar.

O Partido Comunista, exprimindo os sentimentos da classe operária e de todo o povo, saudá os valentes soldados que, enfrentando uma repressão brutal dos comandos, se vêm levantando contra a infame guerra nas colónias. A sua coragem é um exemplo para todos.

O desenvolvimento das lutas contra a guerra já mostrou bem que não são os acaes isolados como os deserções e protestos individuais que têm a força

necessária para levantar uma barreira contra a guerra colonial. Só a organização dos soldados dentro de cada quartel em juntas e comités terá a força capaz de alargar as suas lutas diárias pelos seus direitos e criar um potente movimento contra a guerra e contra o governo fascista.

Em Angola, na Índia e nas outras colónias, os soldados estão dando a vida todos os dias numa guerra desonrosa de agressão e pilhagem. Muitos voltam mutilados, outros com a saúde arruinada pelas privações e pelas febres. Contudo, os embarques não cessam e novos contingentes estão a ser preparados pelo governo fascista para ser lançados na chacina. É urgente que se alargue a luta contra a guerra!

brutalmente num soldado até o levar a comer, rompendo assim o levantamento dos seus camaradas.

Os soldados ao lado do povo

Os soldados que se manifestaram nas ruas de Coimbra ao lado do povo contra a farsa eleitoral apontam um exemplo a todos os seus camaradas. Quando o governo de Salazar e os comandos fascistas organizam o exército para o atirar contra os trabalhadores e o povo a pretexto da defesa da «ordem pública», é preciso que todos os soldados ganhem consciência de que

os seus interesses estão ligados aos do povo.

Soldados! Os oficiais fascistas são depressa usam a brutalidade como as boas palavras para melhor quebrar a vossa resistência e unidade; eles só pensam em vos arrastar para a chacina nas colónias e em vos atirar de armas na mão contra o povo!

Organizai-vos dentro dos quartéis, lutai pelas vossas reivindicações mais sentidas, recusai-vos a embarcar! Se estiverdes nas colónias, recusai-vos a entrar em combate, reclamai o regresso imediato a Portugal!

Soldados! Lutai ao lado do povo pelo fim da guerra e pela vitória da Democracia em Portugal!

LUTAS DE MASSAS

(continuação da 1.ª pág.)

impulsionar a luta de massas e indicar ao povo ser esse o caminho que levará ao derrubamento do fascismo, tornaram mais próximo o dia do levantamento nacional, mas não permitem concluir estarem amadurecidas as condições para colocar o levantamento como uma tarefa de carácter imediato.

O robustecimento do Partido e das forças democráticas e a grave crise política e económica em que o salazarismo mergulhou o País, permitem-nos prever que nos aproximamos dum período de grandes e crescentes movimentos de massas que poderão assumir um carácter decisivo. Mas para isso é necessário, é decisivo, fortalecer mais e mais as organizações do Partido e as organizações de jovens comunistas; ampliar a unidade e a acção das forças democráticas e anti-salazaristas criando uma larga organização clandestina unificada ao longo do país na base das Juntas Patrióticas; intensificar e ampliar as mais diversas acções de massas na base das reivindicações económicas, culturais e políticas de cada camada social e do conjunto do povo português.

Estas são as tarefas fundamentais que se colocam a todos os comunistas, a todos os democratas, a todos os patriotas. Nestas tarefas inclui-se a luta contra a guerra de Angola e a política colonial de Salazar; a luta contra as bases militares estrangeiras no país; a luta contra a repressão e por uma total Amnistia política; a luta contra a censura e outras reivindicações democráticas.

Sem intensificar as lutas de carácter económico, as lutas por melhores salários e contra o desemprego, contra a dominação dos monopólios, pela reforma agrária; a luta nos sindicatos, nas Casas do Povo,

nos Grémios, não será possível mobilizar, unir e organizar a classe operária, o campesinato e as camadas mais atrasadas da população, aliando as reivindicações económicas às de carácter político de forma a canalizá-las para o caudal único que levará ao levantamento nacional. O levantamento, como se salienta no manifesto de 17 de Novembro do Secretariado do Partido, terá de ser o coroamento do desenvolvimento constante «das lutas parciais de carácter económico ou político, da utilização da acção legal e da acção clandestina, das comissões legais e dos comités ilegais, associando todas as formas de luta e de organização». Disto depende a maior ou menor rapidez do derrubamento do salazarismo.

É necessário encontrar novas e variadas formas de luta no plano da acção legal ou clandestina, mas formas que conduzam ao desenvolvimento do movimento de massas e não a acções golpistas e aventureiras que não contribuirão para o levantamento nacional antes facilitarão a acção terrorista fascista. Só assim apressaremos o amadurecimento das condições para organizar activamente o povo para o levantamento nacional, onde surgirá então a necessidade de armar não uns grupos de portugueses mas muitos milhares de portugueses.

As concepções golpistas e putschistas e o desespero de muitos que defendem estas e outras concepções que constituem hoje o principal obstáculo ao desenvolvimento do movimento de massas e ao fortalecimento constante das organizações das forças democráticas e, por isso mesmo, não apressarão, antes tornarão mais distante, o dia do levantamento nacional, o dia do derrubamento da ditadura fascista de Salazar.

Colonialismo sangrento

Os assassinatos em massa com requintes de crueldade de milhares de judeus pelos nazis, ainda hoje nos fazem arrepilar de horror. Temos como um possedido absurdo os crimes de Eichman.

Mas muitos portugueses não sabem que em Angola se cometem hoje crimes iguais. Nas Mabubas, localidade a 40 Km de Luanda, há um capitão a quem chamamos «Eichman», pelos morticínios que tem feitos. Da carta dum militar extrairmos o seguinte relato:

«A média diária é de 40 negros, havendo dias em que chega a matar 200. O novo «Eichman» inventou a técnica do tractor que esmaga as cabeças dos negros, previamente enterrados até ao pescoço. A terra da Fazenda Tentativa, se for raspada apenas com o pé, mostra fragmentos ensanguentados de cérebro humano».

Doutra carta extrairmos o seguinte: «Para sua vergonha, cabem à França Aérea duas das operações mais destrutivas: o lançamento de napalm (que é material da NATO) e o envenenamento de certas zonas de rebelde lançando manobras (fruta de Angola) impregnadas de arsénio — esta última operação está a realizar-se desde a semana finda».

Enquanto os fascistas falam na «lealdade dos trabalhadores nativos», o advogado de Luanda Dr. Rui Osório é ameaçado com a deportação para Timor por ter desmascarado o FUSILAMENTO DE 600 TRABALHADORES AFRICANOS POR UMA COMPAHIA MINEIRA DO NORTE DE ANGOLA.

Perante a falta crescente de mão de obra indígena, o Governo esboça um novo plano: Por um lado, proibir a emigração para a América do Sul e do Norte, canalizando-a para as colónias. Por outro lado, transformar coercivamente os soldados que se encontram em Angola EM COLONOS ARMADOS! Num discurso de Oulubro, o Governador Geral de Angola propunha que usassem «métodos drásticos e de excepção» para mobilizar a gente necessária para «abarcas todos a vastidão de trabalhos que importa realizar». Já começaram a ser feitos tentativas nesse sentido, mas os soldados têm-se recusado, como na altura em que querem obrigar as tropas a fazer a colheita do café.

Tanto a emigração imposta como a colonização dos militares, estão condenadas ao fracasso. Essa tentativa de transformação dos soldados em colonos destina-se a justificar a permanência por tempo indefinido de soldados em Angola, sob o pretexto de que estão em «tarefas de paz» e de que tudo está pacificado. Mas os povos de todo o Mundo já não se deixam enganar pelas mentiras do fachado do salazarismo. A política colonial de Salazar acaba de ser severamente condenada e desmascarada na ONU. E as atrocidades do salazarismo em Angola são conhecidas internacionalmente, através de filmes exibidos na televisão de vários países e das horribéis fotografias de negros decapitados e despedaçados exibidas na ONU e publicadas nos jornais de todo o mundo. Os crimes praticados pelos colonialistas em Angola enchem de opróbrio a nação e põem a nu a hedionda face da ditadura de Salazar.

Todos os portugueses de quaisquer tendências devem desmascarar os crimes do governo fascista e reclamar por todos os meios «QUE Cessem AS ATROCIDADES SOBRE O POVO DE ANGOLA!».

Um comunicado do MPLA

«A propósito da campanha para as eleições fascistas, o Comité Director do Movimento Popular para a Libertação de Angola tornou público em Leopoldville um importante comunicado, no qual se frisa que «enquanto perdurar, o regime de Salazar continuará a praticar arbitrariedades e violências e só deixará ao povo de Angola a luta armada como única possibilidade de sair das intoleráveis condições de opressão e de exploração em que esse regime tenta mantê-lo». — lê-se nesse comunicado que o Comité Director do M.P.L.A. constata um denominador comum em todos os programas da oposição democrática portuguesa: um espírito realista e democrático que, se animasse o poder político português, possibilitaria a solução dos problemas coloniais sem a necessidade da violência armada, dos confrontações sangrentas de que são já vítimas há dez meses o povo de Angola e o povo português».

A posição do M.P.L.A. torna mais uma vez claro que os interesses do povo português e do povo angolano não são antagónicos, mas que estão ligados por um objectivo comum: a luta contra a ditadura de Salazar.

OS SOLDADOS RECUSAM-SE A PARTIR

— Duas companhias de caçadores açoreanos dos regimentos de infantaria 17 e 19 que foram trazidos para o campo de Santa Margarida, já conseguiram fazer adiar por várias vezes o embarque para as colónias, devido ao descontentamento que têm manifestado. Mantendo-se unidos e cada vez mais firmes, os valentes soldados açoreanos podem obrigar os comandos a desmobilizá-los.

— No R.A.A.F. (Queluz) os soldados manifestaram o seu ódio à guerra destruindo o material da caserna na véspera de serem embarcados para África, sem que os comandos se atrevessem a intervir.

PROSSIGUE A AGITAÇÃO NOS QUARTEIS

— Em muitos quartéis têm aparecido a circular grande quantidade de documentos e manifestos apelando à luta contra a guerra colonial. Foi tão geral o apoio a uma carta copiógrafa dum grupo de oficiais milicianos, que o general Câmara Pina deu ordem para serem feitas em todas as unidades palestras acerca da carta apresentada como «propaganda comunista»; contudo, estas palestras só têm servido para dar ainda maior divulgação ao documento e popularizar a luta contra a guerra.

SUCEDEM-SE OS LEVANTAMENTOS DE RANCHO

— Em Tavira, no dia 13 de Novembro, os soldados milicianos reclamaram contra a comida junto do oficial de dia. Como não fossem atendidos, os 800 soldados protestaram em massa, gritando no refeitório: «Ladrões! Bandidos!» Os oficiais que acorreram alarmados tiveram que lhes dar razão.

— 100 soldados do curso de sargentos milicianos do Hospital Militar da Estrela fizeram no dia 14 de Novembro um levantamento de rancho por lhes darem comida estragada. Imediatamente metidos em carros celulares, foram levados para o quartel de Sapadores do Caminho de Ferro, à ordem do comandante, coronel Diogo Furtado. A acção brutal dos comandos está ligada à agitação que existia no quartel contra a farsa eleitoral.

— Os soldados de Cavalaria 3 (Estremoz), que já em Setembro tinham feito um levantamento de rancho, voltaram a rejeitar a comida no dia 25 de Outubro. Quando o oficial de dia, capitão Pessoa de Amorim, deu ordem para se sentarem, todos os soldados em massa desobedeceram, ficando de pé. Foram então mandados sair do refeitório e na parada, o capitão bateu